

Tecnologia e Experiência: sujeito e tempo segundo os riscos e as promessas da técnica*

Fernanda Bruno

Em *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*, Freud porta-se de epidemiologista. Procura estabelecer os nexos entre o desenvolvimento da civilização e o incremento da doença nervosa. Antes de apresentar seu próprio quadro relacional, Freud legitima o interesse de tal investigação recorrendo, em primeiro lugar, a uma 'evidência' estatística: "os indivíduos vitimados por doenças nervosas são, com freqüência, justamente filhos de casais procedentes de rudes e vigorosas famílias camponesas que viviam em condições simples e saudáveis, e que, fixando-se em cidades, num curto espaço de tempo elevaram seus filhos a um alto nível cultural"¹. Em seguida, recorre aos testemunhos de médicos e neurologistas. Dois exemplos são suficientes.

W. Erb, 1893: "*As extraordinárias realizações dos tempos modernos, as descobertas e as invenções em todos os setores e a manutenção do progresso, apesar da crescente competição, só foram alcançados e só podem ser conservados por meio de um grande esforço mental. Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo, e só reunindo todos os seus poderes mentais ele pode atendê-las ... O incremento das comunicações resultante da rede telegráfica e telefônica que envolve o mundo alteraram completamente as condições do comércio. Tudo é pressa e agitação. A noite é aproveitada para viajar, o dia para os negócios, e até mesmo as 'viagens de recreio' colocam em tensão o sistema nervoso ... A vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranqüila. Os nervos exaustos buscam refúgios em maiores estímulos e prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão ... Nossa audição é excitada e superestimulada por grandes doses de música ruidosa e insistente. As artes cênicas cativam nossos sentidos com suas representações excitantes, enquanto as artes plásticas se voltam de preferência para o repulsivo, o feio e o estimulante, não hesitando em apresentar aos nossos olhos, com nauseante realismo, as imagens mais horríveis que a vida pode oferecer. Esse quadro geral já nos indica os numerosos perigos inerentes à evolução da civilização moderna*"².

Binswanger, 1896: "*Designa-se a neurastenia como doença fundamentalmente moderna. Beard, a quem devemos sua primeira inscrição minuciosa, acreditava ter descoberto uma nova doença oriunda do solo americano. Sem dúvida tal suposição era errônea; entretanto, o fato de ter sido um médico americano o primeiro a compreender e a expor os aspectos singulares dessa doença, devido a uma vasta experiência clínica, revela certamente a íntima conexão entre essa doença e a vida moderna, com sua desenfreada volúpia de bens materiais e seus enormes progressos no campo da tecnologia, que destruíram todos os entraves temporais ou espaciais à intercomunicação*"³.

Frente a estas teorias, que articulam doença mental, progresso da civilização e aceleração tecnológica, Freud mostra-se insatisfeito. Elas seriam insuficientes por ignorarem o fator etiológico

* Este artigo foi publicado no livro *Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas*, organizado por Antônio Albino Canelas Rubim, Ione Maria Ghislene Bentz e Milton José Pinto, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

¹Freud, S. (1976). "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna" in *Obras Completas* - Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, p. 88.

²Idem, pp. 189-90

³Ibidem, p. 190

mais importante: “a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual ‘civilizada’ que os rege”⁴. Para o fundador da psicanálise, os avanços e conquistas no campo da tecnologia fizeram com que o homem se tornasse um “Deus de prótese”⁵. Contudo, essa nova condição humana não implica aumento nem diminuição de satisfação ou de felicidade. Se quisermos entender o efeito da civilização sobre os indivíduos e suas doenças, trata-se de centrarmos-nos sobre a “supressão das pulsões”; e quanto a isto, a tecnologia pouco tem a contribuir. Deste modo, e estranhamente, as declarações de Erb e Binswanger, atentas ao desenvolvimento tecnológico, parecem estar muito mais próximas de nosso tempo, onde proliferam discursos sobre o impacto e o efeito da tecnologia sobre os indivíduos e a sociedade. São outras as mazelas, é claro.

Virilio, 1983: “*Todas as tecnologias atuais reduzem a expansão a nada. Elas produzem distâncias cada vez menores - uma fábrica de contração ... É urgente que fiquemos alertas para a repercussão política de tal tratamento do espaço-tempo, pois elas são ‘aterradoras’.* O campo da liberdade se contrai com a velocidade ... A infinita aceleração dos meios automotivos - aviação, mísseis, etc. -, a aceleração absoluta do transporte ferroviário, o trem magnético, o jato de hidrogênio, a nave espacial, tudo isso esgota ‘absolutamente’ a ofensiva absoluta ... A tecnologia promove infinitamente a velocidade, e essa promoção é esgotamento absoluto na medida em que quem decide é o progresso tecnológico e não um raciocínio ... Passamos da liberdade de movimento para a tirania do movimento ... A tendência é que todo lugar se torne rigorosamente equivalente. E se o desenvolvimento tecnológico continuar, teremos chegado a este ponto em duas ou três gerações. Basta considerar o projeto de trem magnético nos Estados Unidos, e até, mais simplesmente, os esforços diários da televisão ... Temos aí, diretamente, um fenômeno de inércia e morte ... As próteses do movimento automotivo-audiovisual criam um conforto subliminar. Subliminar significando além da consciência. Elas permitem um tipo de alucinação visual - portanto física - que tende a privar-nos de nossa consciência ... Você vê uma imagem da qual não está consciente de maneira alguma. Ela se impõe a você sem que seja capaz de detectá-la, ‘porque vai rápido demais’. A prótese é completamente alienante ... Há a possibilidade de desaparecimento em velocidade excessiva: desaparecimento das peculiaridades do mundo e da consciência que poderíamos ter delas na medida em que a velocidade ultra-acelerada nos torna inconscientes ... Excesso de velocidade é comparável a excesso de luz. É cegante”⁶.

A familiaridade é visível: tanto o texto de Virilio quanto os de Erb e Binswanger tratam dos efeitos patogênicos de um tempo marcado pelo progresso tecnológico. Entretanto, quando se trata de diferenciar a Modernidade da Atualidade no que concerne à relação com a tecnologia, costuma-se pensar a Modernidade como um tempo onde os homens lidavam positiva e esperançosamente com a tecnologia: ela lhes traria, com o domínio sobre a natureza, a emancipação ou o progresso. Já a Atualidade se caracterizaria por uma tomada de consciência acerca dos perigos da tecnologia, sendo a bomba atômica a primeira grande invenção que evidenciaria o quanto a racionalidade técnica pode gerar irracionalismos fatais⁷. Esta diferenciação

⁴Ibidem, p. 191.

⁵Freud, S. (1976). “O mal-estar na civilização” in *Obras Completas* - Vol. XXI, op. cit., p. 111.

⁶Virilio, P. & Lotringer, S. (1984). *Guerra Pura*. São Paulo: Brasiliense, pp. 71-6.

⁷Para um exemplo deste tipo de análise, Cf. Beck, U. (1992). *Risk Society: towards a new Modernity*. Londres: Sage.

mostra-se frágil não tanto por sua imprecisão, mas por pressupor um déficit de clareza crítica entre os modernos, ainda enfeitados pelas maravilhas da tecnologia. Isto é, a diferença entre o presente e o passado é pensada segundo a divisão entre verdade e erro. Quando se diz que os modernos acreditaram ingenuamente nas promessas da tecnologia, supõe-se que padeciam do erro enquanto a Atualidade, mais esclarecida e precavida, está em posse do verdadeiro.

Se quisermos avaliar a especificidade da experiência contemporânea da tecnologia - e tal é o objetivo genérico deste ensaio -, talvez não se trate de pensar em termos de adesão irrefletida ou de reatividade. Encontramos, entre os modernos, análises que vêem no progresso técnico inúmeros malefícios para o sujeito ou para a sociedade - os textos de Erb e Binswanger servem de testemunho. Além destes, encontramos, desde o fim do século XVIII, outros textos que articulam o desenvolvimento da civilização e da técnica a diversos distúrbios mentais; textos curiosamente semelhantes aos nossos. Ao invés da realidade virtual, da Internet e do Minitel⁸, trens, telégrafos e telefones abalam o espírito moderno. Neurastenia, neuralgia, dispepsia nervosa, perda prematura de dentes, demência, vapores, melancolia, e até calvície precoce são parte dos males do progresso⁹. Mais perto de nós, alguns dos autores da Escola de Frankfurt dedicaram-se à crítica da Indústria Cultural e das tecnologias de comunicação: evasão, ilusão, alienação são alguns dos efeitos que os meios de comunicação, conquista recente de então, causavam sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Hoje, as tecnologias de comunicação em tempo real se apresentam como novos agentes patogênicos: distanciamento do mundo, perda da presença real, perda do corpo próprio, etc..

Contudo, também é preciso não esperar muito dessa ‘semelhança’. Não se poderia inferir daí que a crítica moderna e contemporânea da tecnologia formem uma continuidade. Não se trata de ‘a-historicizarmos’ a experiência que se pode ter da tecnologia propondo uma espécie de ‘fantasmagoria’ universal sob a forma do temor da técnica ou da reação à novidade - ‘todos os homens de todos os tempos assustaram-se com o advento das técnicas, reencenando o medo universal do novo’. Inúmeros temas e correlações podem ser encontrados tanto aqui como lá. No entanto, não possuem o mesmo valor, estatuto e função; e isto vale tanto para os discursos que avaliam negativamente o impacto da técnica, quanto para aqueles que aí vêem enormes vantagens para o homem e para a sociedade. É preciso não concluir, das proximidades e familiaridades, que nossa relação com a tecnologia estivesse já esboçada no pensamento moderno. Ao contrário, o fato de encontrarmos textos modernos que suspeitam ou mesmo condenam a tecnologia, o fato de encontrarmos discursos semelhantes aos nossos, servirá aqui de ponto de partida para uma diferenciação¹⁰.

Eis a direção que toma este texto - traçar uma distância entre a Modernidade e a Atualidade a partir da análise de discursos que tratam dos efeitos da tecnologia sobre a

⁸Terminais específicos de videotextos, instalados na França a partir de 1979, que oferecem aos usuários diversos serviços interativos como teleconsultas, telecompras, etc.

⁹Esta vasta lista de enfermidades que derivam do progresso tecnológico é elaborada por Beard, G.M. (1881). *American Nervousness* in Kern, S. (1983). *The Culture of Time and Space (1880-1915)*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, p. 125.

¹⁰O impulso histórico que move este projeto de pesquisa herda suas estratégias metodológicas do pensamento de Michel Foucault, que propõe ser uma descontinuidade na história aquilo mesmo que a constitui como objeto de estudo. Portanto, a descontinuidade é o que se deve manter em mente, até mesmo para que, das semelhanças encontradas, não se extraia o universal - isto que apaga a ruptura. Cf. Foucault, M. (1987). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, p. 10 e pp. 145-51.

subjetividade. Os discursos modernos e contemporâneos aqui visados procuram efetuar uma crítica social (entendendo crítica no sentido amplo) centrada sobre a tecnologia e refletem uma clínica (sintomas, doenças, terapêuticas). O propósito desta análise é compreender de que maneira a experimentação da tecnologia se articula com uma certa experiência de sujeito e de temporalização. A razão de escolher discursos que sejam simultaneamente críticos e clínicos se deve ao fato de poder detectar aí o que uma dada cultura, na crítica que faz de si mesma e dos acontecimentos que a constituem, determina como verdadeiro ou falso, maléfico ou benéfico¹¹. Por conseguinte, é possível apreender, no que é sancionado ou condenado pelas ‘resoluções’ ou diagnósticos, a modalidade de sujeito que se tem em vista e a expectativa que se cultiva para o indivíduo e a sociedade.

Trata-se, pois, de esboçar em cada um dos períodos, em relação a quais ‘domínios’ da experiência do sujeito e do tempo a tecnologia é problematizada como um ‘dispositivo’ de enfermidades ou de desenvolvimento. Mais amplamente, trata-se de investigar a articulação entre a forma como se avalia a tecnologia e a maneira como se concebe o sujeito e sua relação com o tempo. Assim, na análise de discursos críticos e clínicos sobre a tecnologia pretende-se compreender, na recusa ou no elogio da técnica, que modalidade de sujeito aí padece ou se fortalece. Para que espécie de homem a tecnologia pode ser benéfica ou maléfica? Quais são as doenças, remédios ou estimulações? E ainda: frente a que forma de relação com o tempo a técnica pode se dar como um acontecimento deturpador ou promissor? E as promessas ou deturpações modernas são as mesmas que as nossas? De outro modo: com qual experiência de tempo o advento da tecnologia se articula?

Estas questões orientam as páginas que se seguem. Começemos pela Modernidade.

Entre a opressão e a emancipação

Na segunda metade do século XVIII, engendrou-se paulatinamente uma estreita relação entre doença mental e desenvolvimento da civilização. Tal relação tem como questão de fundo o valor e o sentido da cultura: como o homem conseguiu emancipar-se da natureza e constituir para si uma história? Genericamente, duas avaliações predominam. De um lado, a emancipação da natureza, a civilização e o progresso, são concebidos como a conquista da liberdade e a ‘cura’ das doenças individuais ou sociais. Os teóricos da degenerescência, para os quais a presença da *besta darwiniana* ameaçava o sólido edifício da civilização, são um exemplo limite desta vertente¹². De outro lado, tal emancipação é pensada como podendo ser uma forma de prisão que se manifesta no cotidiano das doenças mentais; Freud¹³ e Nietzsche¹⁴ são aqui os maiores representantes.

O questionamento moderno da tecnologia e de seus efeitos sobre os indivíduos e a sociedade situa-se neste âmbito do sentido e valor da cultura. Da mesma forma, podemos apontar, simplificada, duas grandes atitudes modernas frente ao desenvolvimento tecnológico. A

¹¹Embora os termos *crítica* e *clínica* componham o título de um livro de Gilles Deleuze, a forma e a função que tomam aqui inspiram-se, mais uma vez, no pensamento de Michel Foucault, que ao longo de sua obra explorou a articulação entre os discursos com pretensão à verdade e a produção de subjetividade.

¹²“No conceito médico de ‘degenerescência’ ... a mensagem não podia ser mais clara: a marcha da civilização era suscetível de regressão; a besta selvagem da qual o homem descendia ainda estava nele, à espreita, e provavelmente mais agitada que nunca”. Harrington, A. (1990). “Au-delà de la phrénologie: théories de la localisation à l’époque contemporaine” in Corsi, P. (1990). *La Fabrique de la pensée* Milão: Electa, p. 213.

¹³Freud, S. (1976). “O mal-estar na civilização”, op. cit., pp. 116-118.

¹⁴Nietzsche, F. (1987). *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, pp. 38-42; 59-61.

primeira concebe a técnica como instrumento ou ferramenta que pode servir à liberação do estado de determinação ou alienação em que vivem os homens. A tecnologia participa do projeto de revolução social - a máquina libertando o homem do trabalho alienado, os meios de comunicação favorecendo a união dos trabalhadores de diferentes localidades, como queria Marx¹⁵. Pode-se mesmo dizer que para este autor o progresso tecnológico contribui para despertar as consciências, pois num dado momento de seu desenvolvimento, “as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ... De formas de desenvolvimento das forças produtivas essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social”¹⁶.

Ainda nesta perspectiva, as utopias tecnológicas do fim do século passado viam no desenvolvimento do maquinismo a condição para a chegada do comunismo e imaginavam sociedades onde um “telefone coletivo”¹⁷ - uma antevisão do rádio - seria um grande instrumento de mobilização para a constituição de um “exército industrial”¹⁸ que levaria à sociedade da abundância comunitária. Os futuristas, no início de nosso século, identificaram seu movimento com a promessa tecnológica. Marinetti, em seu conhecido manifesto, convida ao destemor do futuro¹⁹. As conquistas sobre o meio ambiente anunciavam e asseguravam o novo e maravilhoso tempo do império técnico.

A segunda vertente vê no progresso tecnológico não um instrumento de cura de males sociais e subjetivos, mas um dispositivo que pode fazer adoecer os indivíduos e a sociedade. No final do século XVIII encontramos discursos médicos que atribuem, não tanto à tecnologia, mas à civilização de modo geral, o acréscimo da loucura. A riqueza, o progresso e até mesmo as artes constituem um meio favorável à proliferação das mais diversas formas de desregramentos mentais.

*“A riqueza, a alimentação fina, a abundância de que se beneficiam todos os habitantes, a vida de lazeres e preguiçosa que leva a sociedade mais rica estão na origem das perturbações nervosas”*²⁰.

O teatro também é condenado como um meio artificial que produz vãs paixões e exaltações do espírito, principalmente nas mulheres.

*“A privação momentânea de seus sentidos, as lágrimas que versam na representação das nossas modernas tragédias são os menores acidentes que disso tudo resulta”*²¹.

Se o teatro pode ser um mal para a alma feminina, o conhecimento e a ciência, quanto mais se tornam abstratos, mais tensionam o cérebro dos homens.

*“As ciências das coisas cujas relações são difíceis de apreender porque pouco sensíveis a nossos sentidos, ou por suas relações demasiado multiplicadas, obrigam-nos a um grande esforço em sua pesquisa, constituem para a alma um exercício que cansa demais o sentido interior através da excessiva tensão contínua desse órgão”*²².

¹⁵Cf. Marx, K. & Engels, F. (1996). *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, p. 23.

¹⁶Marx, K. (1982). *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, p. 25.

¹⁷Bellamy, E. *Looking Backward* in Mattelart, A. & M. (1995). *Histoire des théories de la communication*. Paris: La Découverte, p. 13.

¹⁸Idem.

¹⁹Marinetti, F. T. (1909). “Manifesto Futurista” in Kern, S. (1983), op. cit., p. 98.

²⁰Cheyne (1773). *The English Malady* in Foucault, M. (1978). *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, p. 363.

²¹Beauchesne (1783). *De l'influence des affections de l'âme dans les maladies nerveuses des femmes*, p. 31 in Foucault, M. (1978), op. cit., p. 368.

²²Pressavin (1781). *Nouveau traité des vapeurs*, pp. 222-4 in Foucault, M. (1978), op. cit., p. 367.

Nestes exemplos, encontramos uma Modernidade que vê na loucura o preço do progresso. “Multiplicando as mediações, a civilização oferece incessantemente ao homem novas possibilidades de alienar-se”²³. Em tudo o que distancia o homem da imediatez da natureza, “algo se substitui à natureza, que é plenitude de artifícios”²⁴, constituindo assim um meio onde brota a loucura.

Na segunda metade do século XIX, aparecem textos que se detêm precisamente sobre a tecnologia e seus efeitos sobre os indivíduos e a sociedade. Erb, no trecho citado acima, apresenta um sistema nervoso estressado pela aceleração tecnológica. Beard, o médico americano responsável pela introdução da neurastenia na nomenclatura psiquiátrica, fornece uma das mais elaboradas listas das enfermidades relacionadas ao aumento da competição, da pressa e das negociações resultantes dos meios de comunicação e de transporte - telégrafo, ferrovias e força a vapor compõem o cenário²⁵. A aceleração dos sentidos, propiciada pelo enorme aumento de estímulos e impressões sensoriais, é um dos temas mais abordados.

Max Nordau, 1868: “*Toda linha que lemos ou escrevemos, toda face humana que vemos, toda conversação que entretemos, toda cena que percebemos através da janela do flying express, põe em atividade nossos nervos sensoriais e nossos centros cerebrais. Mesmo os pequenos choques da viagem de trem, não percebidos pela consciência, os perpétuos barulhos e as várias cenas nas ruas da grande cidade, o suspense em torno das conseqüências dos progressivos acontecimentos, a constante expectativa do jornal, do carteiro, dos visitantes, custam ao nosso cérebro desgaste e lágrimas*”²⁶.

O aumento de doenças cardíacas, de mortes por câncer e por doenças renais, assim como o incremento de crimes, suicídio e loucura são, segundo pesquisas estatísticas, explicados pelo aumento da tensão, da excitação e da incessante mobilidade que as tecnologias conferem à vida moderna²⁷. “Nunca antes as invenções penetraram tão profundamente, tão tiranicamente na vida de todos os indivíduos”²⁸.

Grande parte destes textos identifica na aceleração tecnológica uma sobrecarga de estímulos e de variações na percepção sensorial que acabam abalando o sistema nervoso. Tal excesso pode causar diversos males²⁹, mas afeta principalmente a consciência reflexiva precipitando uma espécie de perversão do sentimento de si. A plethora de excitações exige uma mobilidade que impede a duração do *eu*. O homem perde aí sua verdade na medida em que perde a consciência de si³⁰.

²³Foucault, M. (1978), op. cit., p. 371.

²⁴Idem, pp. 369-70.

²⁵Cf. Supra, p. 3.

²⁶Nordau, M. (1868). *Degeneration*, pp. 37-42 in Kern, S. (1983), op. cit., p. 125.

²⁷Cf. Kern, S. (1983), op. cit., p. 125.

²⁸Nordau, M. (1868), op. cit.

²⁹Nem sempre, contudo, o excesso de estímulos é concebido como prejudicial. Charles Ferré, psiquiatra francês, via nesta sobrecarga um ganho em resistência para o sistema nervoso. Da mesma forma, experiências de estimulação elétrica eram feitas com crianças na tentativa de capacitar o crescimento físico e intelectual. Cf. Kern, S. (1983), op. cit., p. 128 e 114.

³⁰Esta visão está relacionada com o modelo sensório-motor que vigora então. Segundo este modelo, o que é primeiro no pensamento não é a consciência e sim o automatismo da ação reflexa. A consciência e a parte voluntária da vida psíquica só preponderam a partir de uma gênese que supõe um distanciamento ou recalçamento do automático ou involuntário. O *eu*, portanto, é uma conquista que comporta “sensações, pensamentos e vontades anteriores” e que é “constantemente enriquecido por experiências novas e informações vindas do corpo”. Se um excesso de estímulos se abate sobre o indivíduo,

Já em nosso século, são alguns pensadores da Escola de Frankfurt que, conjugando Freud e Marx, melhor representam esta segunda vertente. A tecnologia não está a serviço de nossa liberação; ao contrário, ela nos assujeita. “A racionalidade técnica é a própria racionalidade da dominação”³¹, advertem Adorno e Horkheimer. O rádio, o cinema e a televisão, produtos da indústria cultural, evidenciam que o advento das tecnologias de comunicação de massa não proporciona uma repartição mais democrática dos bens culturais, mas uma alienação generalizada. O progresso tecnológico é regressão do Esclarecimento. “Cada espetáculo da Indústria Cultural vem demonstrar a renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas”³². Quanto mais perfeição técnica houver na duplicação dos objetos empíricos, maior é a ilusão, a atrofia da imaginação e da espontaneidade - sintomas da doença maior: a derrocada do sujeito pensante.

Aí estão, pois, as duas grandes visões modernas acerca da tecnologia: instrumento de emancipação de um lado, e instrumento de alienação de outro. Embora elas se oponham quanto à função e ao efeito da técnica, partilham um solo comum: a verdade, do sujeito, na história. A reflexão sobre a tecnologia tem como parâmetro a verdade do sujeito e suas condições históricas de realização ou de ocultação. Isto vale muito claramente tanto para os discursos utópicos quanto para o discurso crítico da Escola de Frankfurt. Quando a tecnologia é pensada como instrumento de liberação ou de repressão, a relação do sujeito com a técnica e a crítica que aí se formula se dão como uma experiência de verdade da qual deriva uma interioridade de expectativa. Na tecnologia, reflete-se a distância ou a proximidade em que o sujeito se encontra com relação à sua verdade. Num mesmo movimento, configura-se o que se pode esperar do tempo. Ou bem a técnica promete cumprir o ‘já-dado’ sentido da história, devolvendo ao homem sua verdade; ou então ela participa da lógica da dominação e, no prazer sem esforço que oferece, faz os homens desejarem aquilo mesmo que os oprime. “Eis a doença incurável de toda diversão”³³. A técnica faz padecer o sujeito quando o afasta de sua verdade, quando o priva do único exercício em que esta tem lugar - a razão crítica, o Esclarecimento.

Quando a tecnologia participa da tomada de consciência, o sujeito, apropriando-se dela, tece sua própria transformação e é lançado ao futuro inevitável da vitória. Quando ela trai a tomada de consciência, então trata-se de “resgatar a esperança passada”³⁴ e derrubar “a cortina ideológica atrás da qual se concentra a desgraça real”³⁵. Aqui, a tecnologia, pelo controle da consciência individual, contribui para que esta não queira ‘ir além de si própria’, abafando toda a perspectiva de mudança e de resistência. Os meios de comunicação de massa, ao proibirem a atividade intelectual do espectador, representam “a vitória da razão tecnológica sobre a verdade”³⁶.

Seja perda ou ganho para a humanidade, meio de cura ou de doença, a tecnologia deve sua função ou seus efeitos não tanto a si própria ou a uma lei evolutiva da técnica enquanto tal. Num caso como no outro, o que pode ser a tecnologia depende da vontade que a governa. Para Marx, são simultaneamente uma vontade histórica e a luta política que fazem da tecnologia uma ferramenta (e não mais que isso) da revolução. Para Adorno e Horkheimer, os males da tecnologia

a conquista da consciência de si, a vitória sobre o automatismo, encontra-se comprometida. Cf. Gauchet, M. (1992). *L’Inconscient Cérébral*. Paris: Seuil, pp. 41-68.

³¹Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 114.

³²Idem, p. 132.

³³Ibidem, p. 128.

³⁴Ibidem, p. 15.

³⁵Ibidem.

³⁶Ibidem, p. 129.

se devem ao lugar que ela ocupa no quadro político. O problema é que ela está a serviço do poder econômico - “os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo”³⁷. Em resumo, a técnica não propriamente transforma a ‘natureza’ humana, ela a emancipa ou a reprime. A consciência que ela furta ou promete, o tempo que abre ou impede, a verdade que nela se revela ou se mascara, pouco se devem a ela própria. Quando se reclama a consciência que ela furta, não é a ela que se ataca, mas a outra consciência que a comanda: as “obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais”³⁸ que dependem dos “verdadeiros donos do poder”³⁹ - os setores mais avançados da indústria.

Quanto aos textos que articulam doença mental, civilização e tecnologia, também estão em jogo a verdade e a realização do sujeito no tempo. Tanto a civilização que promove a ruptura com a natureza, quanto a tecnologia que sobrecarrega de estímulos o sistema nervoso são formas de repressão. Num caso, o sujeito se encontra afastado de suas verdades essenciais que só têm lugar no imediato da natureza. No outro, a consciência, ao ser absorvidas pelas mudanças constantes, acaba por não conseguir conquistar o parâmetro sólido de suas ações livres e autônomas.

De modo geral podemos perceber que, na Modernidade, o conjunto dos discursos críticos e clínicos sobre a tecnologia e seu impacto sobre o indivíduo e a sociedade está referido à verdade prometida do sujeito e à sua realização histórica. A tecnologia, fenômeno da cultura, tem seus males e benefícios avaliados segundo os efeitos sobre um indivíduo que é concebido como um valor possível a ser realizado no tempo. A consciência de si, condição de toda realização, é, não por acaso, o foco privilegiado da promessa ou da doença tecnológica.

Corpo e experiência: a perda do *mínimo-homem*

Na Atualidade, a tecnologia é menos pensada como ferramenta - de opressão ou emancipação - do que como mediação (os objetos técnicos são mediadores que criam situações imprevistas) e como dispositivo relativamente autônomo de transformação radical do humano. Informática, realidade virtual, biotecnologia, etc., não são pensadas como objetos técnicos inertes, animados de acordo com nossa vontade; eles, antes, nos animam. O advento da inteligência artificial, por exemplo, implicou uma gradativa reformulação do que seria o distintivo do humano. Da mesma forma, a biotecnologia transforma profundamente o que pode ser um corpo. Através das pesquisas de engenharia genética, ele deixa de ser o lugar da expressão de um determinismo natural e passa a habitar o campo de nossas ações e técnicas.

Estes exemplos mostram como a tecnologia é experimentada como algo que nos força a colocarmos a questão de quem somos e do que seremos - a questão do ser e do devir torna-se a interrogação cotidiana do mundo técnico, diz Bernard Stiegler⁴⁰. Tal interrogação relaciona-se com a idéia de que as novas tecnologias não obedecem a seus donos, não aceitam os fins que lhes são determinados; uma das especificidades da técnica contemporânea é seu caráter imprevisto quanto aos fins - podemos lembrar aqui o exemplo da Internet⁴¹. Mas isso não deve surpreender nem assustar, afirma Bruno Latour, pois todos os donos, chefes e pais sabem que nunca são

³⁷Ibidem, p. 114.

³⁸Ibidem, p. 115.

³⁹Ibidem.

⁴⁰Cf. Stiegler, B. (1996), op. cit., p. 177.

⁴¹Cf. Supra, p. 2.

obedecidos⁴². E não se trata do mito de Frankenstein - o fato de as técnicas terem fins imprevisíveis não quer dizer que elas nos dominem: “os humanos estão muito imiscuídos com as técnicas para serem dominados por elas”⁴³.

Em certa medida, os discursos contemporâneos sobre a tecnologia e seus efeitos são exercícios de futurologia. Contudo, diferentemente dos discursos utópicos e futuristas da Modernidade, o esforço de imaginar futuros deriva simultaneamente da certeza de que transformações inauditas ocorrerão e da incerteza radical quanto ao seu curso⁴⁴. Analisam projetos técnicos - uma nova modalidade de objeto entre a realidade e a ficção - ou desdobramentos possíveis de tecnologias já em uso. Imaginam riscos e vantagens por vir. Há uma sensação generalizada de descompasso entre o que a tecnologia nos permite ser e o nosso poder e desejo de gerir ou de participar de tais transformações. Hoje, na relação com a tecnologia, uma experiência de indeterminação substitui a experiência de verdade cara à Modernidade. E a interioridade de expectativa é um misto de certeza de que a mudança é inevitável e de que o seu sentido, nos mais diversos significados que a palavra contém, está indeterminado: alguns vivem na apreensão de que, no limite, desapareçamos com a mudança, outros procuram lidar positivamente com ela. Todos, entretanto, falam da urgência de uma ética da tecnologia e pedem a responsabilidade. As discussões refletem a dificuldade desta ética na medida em que a sua ‘necessidade’ deriva dos objetos técnicos e da indeterminação para a qual eles nos lançam. Sabe-se que não se trata apenas de regular ou controlar o uso, mas de pensar a própria transformação do humano que a simples existência ou presença de certas tecnologias já engendra.

Dentre os riscos imaginados, podemos citar alguns dos mais frequentes, na tentativa de dimensionar a especificidade dessa nova epidemiologia dos objetos técnicos que se constitui na Atualidade. Na ausência de um sujeito pensado em relação a uma verdade que cabe realizar, quais são os males e riscos que a tecnologia pode nos trazer hoje? As análises sobre a realidade virtual e as nanotecnologias⁴⁵ fornecem os melhores exemplos. Um primeiro risco: o estado confusional que pode derivar da simulação e multiplicação de possibilidades de experiência proporcionadas por estas tecnologias:

“O maior perigo do virtual, tanto no plano científico quanto no plano social é a confusão para a qual ele nos arrasta ... logo as imagens serão totalmente enganosas, e não se saberá muito bem onde se está, precisamente por causa dessa mistura de real e virtual, de numérico e de analógico. Será cada vez mais difícil distinguir as origens respectivas daquilo que constituirá as imagens”⁴⁶.

⁴²Cf. Latour, B. (1996). “Do humano nas técnicas” in Scheps, R. (org.), op. cit., p. 164-5.

⁴³Idem, p. 164.

⁴⁴Cf. Vaz, P. (1996). “A História: da experiência de determinação à abertura tecnológica” in *Contemporaneidade e Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: Sette Letras, p. 138.

⁴⁵As nanotecnologias são tecnologias ditas *finas*, que agem em escala molecular e lidam com matérias ‘inteligentes’ de processamento ultra-rápidos e que podem ser implantadas no corpo humano. O marcapasso cardíaco seria um dos seus pontos de partida; hoje já são utilizadas no tratamento de certas doenças autoimunes e fala-se de possibilidades de implantes de memória e ‘estimulantes’ das demais faculdades mentais. A definição da matéria como sendo composta não apenas de massa e energia, mas também de informação, está na base desta nova técnica que conjuga a biotecnologia e a informática. Cf. Lévy, P. (1994). *L'Intelligence Collective* Paris: La Découverte, pp. 50-62 e Virilio, P. (1996). *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 91-114.

⁴⁶Quéau, P. (1996). “Novas imagens, novos olhares” in Scheps, R. (org.), op. cit., pp. 120-1.

*“A computação e as tecnologias da imagem estão convergindo rapidamente para uma capacidade de simulação hiper-real ... O dia em que as simulações de um computador se tornarem tão realísticas que as pessoas não possam mais diferenciá-las da realidade não simulada, estaremos vivendo mudanças ainda maiores”*⁴⁷.

*“Doravante, com duas óticas, assistimos a um desdobramento da personalidade ... O risco babélico já não é simplesmente o da perturbação da linguagem, como na torre de Babel: nesse caso (o da realidade virtual), é a perturbação do olhar, o fato de que estas duas imagens podem se superpor e criar efeitos de ilusão fatais para o indivíduo”*⁴⁸.

*“Com as nanotecnologias e todas as futuras próteses interiorizáveis ... podemos cada vez mais protetizar o corpo, a ponto de haver a pretensão de duplicar os corpos, isto é, de ter vários corpos simultaneamente, o que traz o imenso problema da identidade”*⁴⁹.

Esta espécie de estado confusional de que falam os autores expressa, sem dúvida, uma perturbação de consciência. Contudo, diferentemente da Modernidade, não se trata de uma consciência alienada de sua verdade, mas de uma consciência que, desvinculada do seu espaço e do seu corpo naturais, pode não mais saber onde está, quem é e a quem pertence. Este problema também é tematizado nas análises sobre as transmissões televisivas em tempo real que advertem não apenas sobre o perigo das técnicas de trucagem que podem iludir a massa, quanto sobre o fim da presença real e da alteridade⁵⁰ que sempre participaram da construção e da transformação da identidade. Quando o mundo pode estar em qualquer lugar e a qualquer hora, na ausência das diferenças espaço-temporais, sobrevém uma espécie de indiferenciação do próximo e do distante, do real e do irreal que pode embaralhar as consciências.

Passemos ao segundo risco - o vício:

*“A realidade virtual, mesmo que seja ativa - lembro que podemos teleagir ... continua, no entanto, no domínio da ilusão. Portanto, existe o risco considerável da invenção de uma droga eletrônica, de uma droga dos olhos, dos sentidos, que não residiria mais no álcool ou nos alucinógenos, mas na manipulação das sensações. O indivíduo que se droga no videocapacete já não tem imagem mental: não tem mais que imagens instrumentais. Ler é produzir imagens mentais ... quando se lê Flaubert, imagina-se Madame Bovary. Quando se está na paisagem de Madame Bovary, quando de certo modo a encontramos, não podemos mais imaginá-la: ela está ali diante de nós. Esse fenômeno de substituição é assustador ... O poder dessas tecnologias é tal que pode viciar populações inteiras - já preparadas pelo uso da droga química, o crack e outras”*⁵¹.

*“Como outras tecnologias, a realidade virtual não oferece perspectivas intrinsecamente boas nem más, mas trará provavelmente um pouco de cada uma. Alguns irão utilizá-la para atividades de lazer, de evasão, e se tornarão, talvez, dependentes”*⁵².

A multiplicação das condições da experiência, a simulação dos sentidos, a potencialização do corpo que tanto podem viciar quanto confundir a consciência resumem um risco maior que parece ser a perda do mínimo de ‘humanidade’, sendo o *mínimo-homem* feito de corpo e

⁴⁷Rheingold, H. (1993). *La Réalité Virtuelle*. Paris: Dunod, p. 10.

⁴⁸Virilio, P. (1996). “As formas virtuais” in Noël, E. (org.) *As Ciências da Forma Hoje*. São Paulo: Papirus, pp. 160-1.

⁴⁹Stiegler, B. (1996), op. cit., p. 177.

⁵⁰Cf. Baudrillard, J. (1995). *A Ilusão do Fim*. Lisboa: Terramar.

⁵¹Virilio, P. (1996). “As formas virtuais”, op.cit., pp. 159-64.

⁵²Rheingold, H. (1993), op. cit., p. 393.

território. A experiência prescinde do espaço-tempo natural - podemos tocar, ver, ouvir e cheirar à distância; o corpo encontra-se ampliado em suas funções e não mais restrito aos seus limites 'naturais' de existência e de ação. Adorno fazia a crítica da televisão por sua capacidade de "cercar e capturar a consciência do público por todos os lados"⁵³ e por fornecer uma "duplicata do mundo"⁵⁴ como se fosse adequada ao real. Tal técnica assustava por oferecer "o sonho sem sonho"⁵⁵ na medida em que, impedindo o uso crítico da razão, escorraça o utópico dos homens e os compromete ainda mais com o existente e a fatalidade⁵⁶. Hoje, com a realidade virtual, o que se teme é que o sonho não mais dependa da experiência e do existente. A tecnologia, neste caso, não nos faz aceitar uma realidade falsa, ela torna a realidade prescindível. O problema não é a falsa consciência ou a falência do pensamento crítico, é a multiplicação e estimulação técnicas de nossas faculdades. A tecnologia, antes pensada em relação ao sujeito e à verdade, tinha como sua sombra a alienação. Agora trata-se do corpo e da experiência, e não é estranho que o vício seja sua nova sombra.

Num pequeno retorno ao fim do século XVIII, encontramos algumas advertências sobre o potencial patogênico do realismo que figura nos romances modernos; eles despertariam, pela imitação da verdade, "sentimentos violentos e perigosos" em suas leitoras:

*"Elas agora querem fatos verossímeis, mas sentimentos tão maravilhosos que seus próprios sentimentos são inteiramente perturbados e confundidos; procuram, a seguir, em tudo o que as cerca, realizar as maravilhas com que se encantaram nos romances, mas tudo lhes parece sem sentimento e sem vida, pois querem encontrar aquilo que não existe na natureza"*⁵⁷.

*"Tantos autores fazem nascer uma multidão de leitores, e uma leitura contínua produz todas as doenças nervosas; talvez dentre todas as causas que perturbam a saúde das mulheres, a principal seja a multiplicação infinita do romance nos últimos cem anos ... Uma menina que com dez anos lê, ao invés de correr, aos vinte anos será uma mulher com vapores, e não uma boa ama de leite"*⁵⁸.

Exemplos curiosos e oportunos, pois, pelo moralismo que apresentam, nos fazem pensar no quão moralista pode ser considerar, como Virílio, a Madame Bovary literária mais saudável do que a cibernética. Oportuno também porque nos ajuda a dimensionar o que, para o nosso tempo, é considerado a natureza que deve ser resguardada. Se estes autores do século XVIII viam no irreal e ilusório a corrupção das suaves leis da natureza, se Adorno via na diversão televisiva o mundo ilusório que alienava a consciência crítica, um autor como Virílio vê no que ele chama de instrumental a deterioração de nossa mais ínfima e material natureza. Experimentar sem o corpo presente, dispensar a imaginação para sentir e tocar 'paisagens' que não estão em nossa presença-real, é descartar nossos últimos atributos humanos, aliás muito próximos do animal. É importante notar que não se trata tanto aqui do bom uso da imaginação ou do corpo, mas principalmente do seu mero uso.

⁵³Adorno, T. W. (1977). "Televisão, consciência e indústria cultural" in Cohn, G. (org.) *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Nacional, p. 346.

⁵⁴Idem.

⁵⁵Ibidem.

⁵⁶Cf. Ibidem, p. 354.

⁵⁷Beauchesne (1783), op. cit., pp. 37-8 in Foucault, M. (1978), op. cit., p. 368.

⁵⁸Gazette Salulaire, nº 40 de 06.10.1768 "Causes physiques et morales des maux de nerfs". Artigo anônimo in Foucault, M. (1978), op. cit., p. 368.

Marcuse e Adorno reclamavam o jogo livre das faculdades humanas fora da lógica da dominação da qual participavam as tecnologias de comunicação de massa⁵⁹. Virilio, por sua vez, teme que as faculdades humanas, através das técnicas do virtual e das nanotecnologias, se liberem da realidade e do “corpo próprio”: o mínimo de homem que nos resta - corpo e território - encontra-se ameaçado. O corpo, antes de padecer de opressão e ter sua energia desviada para o trabalho alienado, tem suas capacidades potencializadas e multiplicadas pela tecnologia e aí arrisca perecer. O artista australiano Stelarc é, segundo Virilio, o “monstro-vítima”⁶⁰ que melhor representa esta ameaça. Em suas performances, o artista combina movimentos voluntários, involuntários e programados: os movimentos do corpo ‘natural’ são improvisados, os sinais dos músculos do seu estômago e de suas pernas movimentam a mão robotizada, o braço artificial responde ao movimento programado e seu braço esquerdo é agitado, independentemente de sua vontade, por uma corrente elétrica. Nesta combinação de experiência física e de expressão artística, Stelarc propõe a imbricação completa entre homem e tecnologia. Se as tecnologias são hoje mais potentes e precisas que nosso corpo, misturemo-nos com elas.

*“Durante minhas performances comecei a me perguntar sobre o design do corpo humano e, quanto mais eu trabalho, mais acredito que o corpo humano se tornou obsoleto ... Hoje nosso espaço não se limita mais à biosfera, nos dirigimos para um espaço extraterrestre, ao passo que nosso corpo só é concebido para esta biosfera”*⁶¹.

Inspirado por Nietzsche, afirma que não basta que nos livremos da linguagem:

*“o limite último da filosofia é o limite fisiológico, nossas frágeis aptidões orgânicas ... Efetivamente, acho que a evolução chega a seu objetivo quando a tecnologia invade o corpo humano ... De agora em diante, com a nanotecnologia, o homem pode degustar a tecnologia ... O que eu preconizo não é adaptar o espaço ao nosso corpo mas, ao contrário, remodelar nosso corpo. A questão é portanto: como modelar uma fisiologia humana pan-planetária? ... Nós podemos esvaziar o corpo humano e substituir amanhã os órgãos inúteis por novas tecnologias! ... Os instrumentos sempre estiveram fora do corpo humano, mas agora a tecnologia não explode mais longe do corpo, ela implode no interior do corpo. É muito significativo e talvez o acontecimento mais importante de nossa história: não se trata mais de enviar as tecnologias para outros planetas, mas de fazê-las aterrissar em nosso corpo!”*⁶²

‘Como supor, a partir de então, que as coisas continuam na normalidade?’, pergunta Virilio, aterrorizado com as declarações de Stelarc, embora veja aí apenas um “delírio sintomático” de uma “vítima que consente”⁶³. Fagocitose do espaço interior, progressiva colonização dos órgãos e vísceras do *corpo animal* do homem, ingestão de estimulantes técnicos que logo promoverão uma mutação comportamental que transformará também o *habitat*, declínio das noções habituais de interior e exterior, de DENTRO e de FORA que até então eram deduzidas da diferença entre o ser e seu ambiente, tecnoimplantes e organóides que superestimulam as funções nervosas, a vitalidade da memória ou da imaginação, esfacelamento do espaço do corpo e da temporalidade particular do corpo vivo. Eis algumas das imagens usadas por

⁵⁹Cf. Marcuse, H. *Eros e Civilização e O homem unidimensional*. Cf. Adorno, T.W., op. cit.

⁶⁰Cf. Virilio, P. (1996). *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 101.

⁶¹Stelarc (1992). *L'Autre Journal*, pp. 24ss in Virilio, P. (1996) *A Arte do Motor*, op. cit., p. 99.

⁶²Idem, pp. 99-101.

⁶³Virilio, P. (1996), op. cit., p. 101.

Virilio⁶⁴ para compor o diagnóstico da nossa mais recente doença - a perda do mínimo de homem que nos resta. De imediato, percebe-se a relação com o tempo que predomina em tais análises: caminhamos em direção a um futuro sem dúvida incerto, mas que parece prometer mais catástrofes que realizações. E a tarefa do pensamento ético-político parece ser, neste caso, antecipar e detectar as falências. Há inclusive quem pregue uma espécie de atemorização radical, uma “heurística do medo”, como forma de alertar as consciências para os perigos e ameaças contidas nos novos poderes técnicos que traçam nosso futuro próximo⁶⁵.

Concorrendo com os discursos catastrofistas, há os declaradamente otimistas e os que procuram sair dessa oposição propondo análises dos deslocamentos em curso e, por vezes, projetos, espaços de criação ou de intervenção. Dentre os entusiastas, de modo geral, o sentimento de inevitabilidade da transformação é pacificado pelo otimismo. O tom profético de tais discursos também acaba por reduzir o questionamento⁶⁶.

Quanto aos autores que avaliam as mudanças propiciadas pela tecnologia procurando escapar à escolha entre aderir ou condenar, a questão do mínimo-homem retorna sob uma outra forma. O sentimento de que estamos deixando de ser os homens que somos, de que sofremos uma mutação em nossa ‘humanidade’ e de que talvez nem mereçamos mais o título de homens, é freqüente em tais análises. Contudo, esta clara transmutação não é imediatamente pensada como perda; trata-se antes de uma oportunidade para uma reavaliação ético-política do que pode ser o homem e a sua relação com o mundo e com o tempo. Michel Serres, Bruno Latour, Donna Haraway e Pierre Lévy são alguns dos melhores representantes desta modalidade de análise sobre a tecnologia. Partindo da indeterminação do futuro, entrevêm possibilidades tanto positivas quanto negativas. No entanto, ao invés de lamentarem o que estamos deixando de ser, tais autores procuram, de maneiras distintas, considerar a mudança como a ocasião para engendrarmos positivamente nossa participação.

“Responsabilizar-se pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticiência, uma demonologia da tecnologia e, portanto, abraçar a hábil tarefa de reconstruir as fronteiras da vida diária em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as partes. Isto não significa dizer simplesmente que a ciência e a tecnologia representam meios possíveis de satisfação humana em grande escala, assim como a matriz de dominações complexas. A imagística dos cyborgs pode sugerir uma maneira de sair do labirinto dos dualismos com os quais explicamos a nós mesmos nossos corpos e nossos instrumentos⁶⁷”.

Feito este mapeamento da experiência contemporânea da tecnologia, retomemos resumida e um pouco simplificada a modalidade de sujeito e da relação com o tempo que foram traçadas ao longo deste tópico. O pano de fundo comum é a sensação de uma transmutação radical de nosso ser - experiência de indeterminação, como disse. Diante dela, três atitudes: tornar visível a progressiva eliminação do que nos permitiria sermos ainda homens, considerar a transformação sob o ponto de vista de uma capacitação e de um progresso da humanidade ou repensar o que pode ser o homem a partir das transformações que ocorrem. A primeira procura

⁶⁴Cf. Idem, pp. 91-114.

⁶⁵É o caso de Hans Jonas, autor de *Le principe responsabilité*. Paris: Le Cerf in Janicaud, D. (1996). “Críticas filosóficas das tecnociências” in Scheps, R. (org.), op. cit., pp. 208-9

⁶⁶Para um exemplo desta vertente, Cf. Negroponte, N. (1995). *A Vida Digital*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 196-8.

⁶⁷Haraway, D. (1994), op. cit., p. 283.

resistir às promessas da tecnologia reivindicando não mais a consciência ou a verdade, como os modernos, mas o mínimo-homem que a técnica nos roubaria. O que esperar do tempo, então? Neste caso, o sujeito que vive na instantaneidade não apenas perde a espessura do tempo que o constituiria como propriamente humano: por um estranho movimento de inversão, estes discursos catastrofistas que lamentam a perda da temporalidade com o advento do tempo real, acabam por eliminar qualquer positividade que se pode ter na relação com o tempo. Devemos esperar o pior dos mundos possíveis?

A segunda atitude é a mera continuação da confiança moderna no progresso conjunto da técnica e da humanidade. A diferença está na passividade que manifesta, o que a torna pouco útil ao pensamento. Na terceira, o sujeito é pensado segundo a própria transformação, e não o inverso. As questões mais relevantes dizem respeito ao que estamos nos tornando e ao que podemos vir a ser, e não ao que somos ou ao que estamos deixando de ser. A interioridade de expectativa assume uma função altamente estratégica, pois a relação que mantemos com o porvir e a avaliação que fazemos das transformações orientam a participação ético-política do pensamento. Certos da radical imanência do devir humano, tais discursos vêem na escolha entre a tragédia e a utopia um fator decisivo na construção do que podemos vir a ser. De modo geral, tendem a ver na utopia uma forma ativa e positiva de tecer, não a realização plena de nosso ser, mas a nossa própria transformação de que, queiramos ou não, somos os atores⁶⁸.

Mantenho-me próxima desta última atitude. Quando as questões ‘o que somos?’ e ‘o que podemos vir a ser?’ coincidem, posto que elas derivam hoje de um ‘poder-ser’ aberto pela tecnologia, a interrogação ética que as atravessa parece exigir a formulação de uma interioridade de expectativa que se torna cada vez mais urgente e estratégica. Ou ainda: quando a técnica não mais representa o domínio do homem sobre a natureza, mas a modificação do que até então concebemos como a própria natureza humana, a interrogação sobre o ser e o devir retorna cotidianamente. Na Modernidade, a resposta à questão ‘quem somos?’ já indicava o que seríamos. Hoje, o que podemos vir a ser nos obriga a repensarmos quem somos. E repensar quem somos torna-se arriscar o que seremos.

Na Atualidade, experimentamos um fenômeno que creio singular: a aceleração do poder com relação ao querer; o poder atropela o querer⁶⁹. Antes que tenhamos sequer pensado ou desejado um certo número de coisas, a tecnologia faz com que nossos corpos, nossa realidade e nossa experiência proliferem possíveis. Vivemos um certo descompasso entre o que podemos ser e o que desejamos ser. Contudo, o fato de o poder tecnológico colocar em questão quem somos e abrir a possibilidade de nos transformarmos, o fato de ele nos precipitar a uma tal indeterminação, pode ser uma ocasião para nos demorarmos sobre a questão do desejo desse possível que se amplia em nós e para o qual este poder nos empurra. Nesta medida e neste âmbito talvez possamos refletir positivamente sobre o que desejar e como desejar nossas virtualidades. E assim, num jogo entre o poder-ser e o querer-ser, imaginemos que o fato de podermos ‘poupar’ a realidade em nossas experiências talvez não implique um afastamento do mundo que pode nos matar de ilusão. É possível vermos aí uma oportunidade para recolocarmos a questão do que pode ser a experiência. Da mesma forma, o fato de sermos capazes de potencializar nossas faculdades mentais ao nos misturarmos com a tecnologia, pode não significar o desenvolvimento do

⁶⁸Cf. Serres, M. (1994). *Atlas*. Paris: Julliard, pp. 130-42.

⁶⁹Na tentativa de apontar uma via de problematização, retomo aqui uma proposta provisória apresentada num outro trabalho. Cf. Bruno, F. (1996). *Do Sexual ao Virtual*. São Paulo: Unimarco (no prelo).

instrumental em detrimento do mental. Talvez seja necessário reavaliar a própria separação que justifica reivindicar o que seria propriamente humano.

As novas possibilidades que as tecnologias nos trazem são, sem dúvida, surpreendentes. Também é certo que elas forçam nosso pensamento. Quando perguntamos por que a multiplicação do nosso corpo e das condições de nossa experiência afigura-se como a redução última do homem, também interrogamos sobre o que há em tratar o corpo como se fosse uma alma. As análises dos discursos que versam sobre os efeitos da técnica sobre os indivíduos e sobre a sociedade nos auxilia a visualizarmos, nas sombras ou nas positivities que tais discursos entrevêm, a experiência que estamos fazendo de nós mesmos e do tempo a partir dos acontecimentos tecnológicos.